

Eis a porta! Adiante de nós, caminhos a seguir

*Lília Dias Marianno**

MUSSKOPF, André S. e STRÖHER, Marga J. (orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*. Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005. 157 p.

Corporeidade, etnia e masculinidade é uma coletânea dos principais ensaios derivados das comunicações realizadas no Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, em agosto de 2004, na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, em São Leopoldo (RS). Congresso e coletânea são frutos dos esforços ecumênicos do Núcleo de Pesquisa de Gênero da mesma instituição.

Trata-se de um livro atraente, com uma bela e sugestiva arte de capa, encadernação resistente e, acima de tudo, marcado pela louvável iniciativa ecológica de utilizar em suas páginas papel reciclado, apesar de estes ser mais caro que o papel virgem por passar por dobrado processamento no maquinário.

A capa apresenta diversos componentes de uma porta: maçanetas, fechaduras, dobradiças e a própria porta. Abrir portas foi, segundo o texto introdutório de Marga Ströher, a proposta do congresso: "Com seus vários elementos – limiar, soleira, umbral, fechadura, trinco, maçaneta, chave e dobradiça –, a porta é, ao mesmo tempo, recinto que separa e define espaços e que aponta simultaneidades. Porta representa um lugar limítrofe, uma fronteira, uma linha de passagem, um ambiente de acesso, um divisor de territorialidades. Permite reverência, intimidade,

ocultação, reserva, dissimulação. E também abertura, descobrimento, escancaramento, revelação. É, ao mesmo tempo, a fronteira que distingue e opõe mundos e o lugar paradoxal, onde diferentes mundos se comunicam e se relacionam" (p. 9).

Entrando por esta porta, os(as) leitores(as) se deparam com um conjunto de reflexões, que não constituem o conjunto de todas as comunicações apresentadas, mas sim os principais ramos temáticos do grande tronco que foi o congresso, ou seja, textos que embasam de alguma forma as demais discussões.

O primeiro texto, "Gênero e experiência religiosa das mulheres", é de autoria de Maria José Rosado-Nunes. A autora apresenta um resumo sobre os métodos para a análise de gênero na religião e traz um panorama da participação da mulher no ambiente religioso, com todas as suas coerências e, também, incongruências. A questão do poder conferido à mulher no espaço religioso, dentro ou fora da instituição, é analisada e levanta questões como: que objetivos têm as mulheres ao se tornarem o principal público do ambiente religioso, ambiente conhecido como dos mais repressores para sua vida?

Em "Sou negra e formosa: raça, gênero e religião", Maricel Mena-López revisa conceitos como raça e etnia, analisando principalmente o impacto do feminismo negro nos estudos de religião. Faz um levantamento histórico do movimento e da teologia negros na América Latina. Aborda questões como experiência e identidade negras, crítica ao universalismo filosófico e pluralismo religioso. E conclui sua apresentação investigando o papel social e o *status* da mulher negra nas religiões africanas

O capítulo de Tânia Mara Vieira Sampaio, "Gênero e religião no espaço da produção do conhecimento: corporeidade sob o prisma do gênero, da etnia e classe", trabalha sistematicamente a interação entre os estudos sobre gênero e a participação das reflexões acadêmicas e feministas como essencial na construção deste campo epistemológico. Fixa conceitos fundamentais nas categorias epistêmicas e demonstra como é impossível falar de corporeidade sem trazer para a discussão uma análise de etnia e de classe.

Marcelo Augusto Veloso, em "Uma abordagem de gênero a partir da religião: gênero masculino e

* Teóloga batista e pesquisadora da área bíblica, leciona disciplinas de especialização em Antigo Testamento e Gênero em cursos de graduação e pós-graduação de Teologia, Missiologia e Educação Cristã. Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Rio de Janeiro e mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, assessora as revistas Estudos Bíblicos e Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. E-mail: Lilia.marianno@terra.com.br.

crislianismo", investiga o patriarcalismo como paradigma das éticas religiosas no crislianismo e no judaísmo. O autor analisa a participação efetiva das mulheres nos primórdios do crislianismo e levanta importantes questionamentos em torno do mito fundador do evangelho, a pessoa de Jesus, como padrão de masculinidade e interação entre homens e mulheres.

Em "Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*", André Musskopf, teólogo luterano que tem trabalhado sistematicamente, nos últimos anos, com as abordando a questão da corporeidade sob diversos prismas. Traz importante distinção entre os diversos modelos de masculinidade homossexual através das suas expressões de corporeidade.

Um dos textos mais incômodos da bíblia hebraica é tratado sob a ótica da masculinidade por Castor Ruiz, em "A normalidade da violência cultural como processo de negação da alteridade". Considerado um dos textos de terror do Primeiro Testamento, a pericope que trata da concubina do levita (Juizes, 19), mulher que foi oferecida para o estupro coletivo e, depois de morta, dividida em pedaços e distribuída para todo o Israel, tem sido evitado, rechaçado e acusado de legitimar a violência cultural como algo natural. Ruiz apresenta o texto com enfoque inovador, com um Deus "ausente" e silencioso, tão silencioso quanto a mulher vítima desta atrocidade. A presença-ausente de Deus se torna um protesto silencioso contra a violência e uma opção pela alteridade.

O último capítulo da coletânea, "Corporeidad masculina", é de autoria de Diego Irrázaval, que faz uma articulação com outros pesquisadores que já trabalham a questão da masculinidade na América Latina. O autor propõe uma redescoberta do lugar masculino no organismo eclesiástico cristão e a corporeidade como meio desta redescoberta, através da identificação de suas potencialidades e limitações.

O epílogo foi escrito por Nancy Cardoso Pereira, que, em "Anotações de presenças e ausências", registra as memórias e o balanço do evento que deu origem à coletânea, com resumos e perspectivas. A impressão que se tem é que este ensaio é fruto da avaliação posterior dos(as) próprios(as) organiza-

dores(as) do congresso, talvez até encomendado com este fim antes do começo deste. Ou então redigido mesmo como memória pela autora. Em ambos os casos, a presença do balanço no final da obra é muito importante, pois ele não apenas levanta as questões presentes e de maior peso, como também constata temas que não foram contemplados. Enfim, abre a porta, propondo caminhos para um segundo congresso. Caminhos que reinventem novas relações de gênero, que priorizem, ao invés da teoria, o estudo de campo, nos lugares onde estas relações são mais sofridas, o ambiente onde estão as pessoas marginalizadas e oprimidas por nosso modelo sócio-econômico latino-americano com todas as injustiças deste velho mundo impossível.

Corporeidade, etnia e masculinidade é uma obra indispensável nas bibliotecas de todos(as) aqueles(as) que desejam trabalhar com a temática de gênero como currículo interdisciplinar. É uma porta! Entremos por ela.